

# Os leigos e a Igreja: entendimentos e desafios de sua vocação e missão

Cesar Kuzma\*

## Resumo:

O Concílio Vaticano II despertou na Igreja uma nova compreensão de si mesma e o início de um novo tempo, que na perspectiva de comunhão, própria deste Concílio, inclui todos os batizados como membros ativos do Povo de Deus e como participantes indispensáveis na ação evangelizadora da Igreja no mundo. Na América Latina, com as Conferências Episcopais, esta questão recebe evidência e caminha para novos desafios, sempre em diálogo com a sociedade e em resposta aos desafios contextuais. Novos tempos avançam com o Pontificado do Papa Francisco, que conclama uma Igreja em saída, na ótica dos pobres e em misericórdia. Situar a vocação/missão dos cristãos-leigos neste processo é uma tarefa a ser realizada e buscada. Dentro deste quadro, a intenção deste trabalho é refletir a vocação/missão dos cristãos-leigos, num jeito próprio de ser e fazer Igreja, que começou com o Concílio, passou pelas Conferências e hoje se encontra diante dos desafios apontados pelo Papa Francisco. Faremos aqui um resgate de elementos do Concílio Vaticano II e aspectos pertinentes das Conferências Episcopais Latino-Americanas e Caribenhas, levando, ao final, a questões eclesiais que nos chegam a partir do Papa Francisco e o que avança a partir dele. As reflexões que surgem favorecem o entendimento do processo e a apontam novos caminhos para esta vocação e para toda a Igreja, que em sua natureza é toda missionária.

**Palavras-chave:** Cristãos-leigos. Igreja. Concílio Vaticano II. Conferências Episcopais, Papa Francisco.

\* Teólogo leigo, casado e pai de dois filhos. Doutor em Teologia pela PUC-Rio e também professor/pesquisador do Departamento de Teologia da PUC-Rio.



## Los laicos y la Iglesia: comprensiones y desafíos de su vocación y misión

### Resumen:

El Concilio Vaticano II ha despertado en la Iglesia una nueva comprensión de sí misma y el inicio de un nuevo tiempo, que en la perspectiva de comunión, propia de este Concilio, incluye a todos los bautizados como miembros activos del Pueblo de Dios y como participantes indispensables en la acción evangelizadora de la Iglesia en el mundo. En América Latina, con las Conferencias Episcopales, esta cuestión se evidencia y camina por nuevos retos, siempre en diálogo con la sociedad en respuesta a los desafíos contextuales. Nuevos tiempos avanzan con el Pontificado del Papa Francisco, que exhorta a que seamos una Iglesia en salida, en la óptica de los pobres y llena de misericordia. Situar la vocación y la misión de los cristianos laicos en este proceso es una tarea a ser realizada y buscada. Dentro de esta perspectiva, la intención de este trabajo es reflexionar la vocación/misión de los cristianos laicos, en el hecho propio de ser y hacer la Iglesia, que comenzó con el Concilio, pasó por las Conferencias y hoy se encuentra delante de los desafíos señalados por el Papa Francisco. Haremos aquí un rescate de elementos del Concilio Vaticano II y los aspectos pertinentes de las Conferencias Generales del Episcopado Latinoamericano y Caribeño, llegando al final, a algunas cuestiones eclesiales que nos llegan a partir del Papa Francisco. Las reflexiones que surgen favorecen el entendimiento del proceso que apunta a nuevos caminos para esta vocación en la Iglesia que en su naturaleza es toda misionera.

**Palabras claves:** Cristianos-Laicos. Iglesia. Concilio Vaticano II. Conferencias Episcopales. Papa Francisco.



## INTRODUÇÃO

**R**evisitar e conhecer o Concílio Vaticano II e os seus desdobramentos eclesiais, bem como aquilo que foi construído nas Conferências Episcopais Latino-Americanas e Caribenhas nos levam hoje ao encontro de uma nova eclesiologia, fundamentada na fé e na tradição sim, com vigor testemunhal como se pensou no Concílio, mas aberta a novas formas e a novas perspectivas que hoje nos avançam com as questões que são levantadas com o Papa Francisco. A Igreja precisa avançar e deve fazer na força do Espírito que a sustenta, assim levará a verdade e assim será autêntica a sua missão. É o que nos encoraja a trabalhar a relação que existe entre os leigos e a Igreja, buscando os entendimentos e os desafios desta vocação/missão. Este é o caminho que pretendemos percorrer nesta nossa breve reflexão.

### 1. OS CRISTÃOS-LEIGOS E O CONCÍLIO VATICANO II

Falar do Concílio Vaticano II –uma tarefa por demais essencial e ainda urgente– e dentro dele se aventurar a falar sobre o Laicato, isto é, sobre os leigos, ou, melhor dizendo, sobre os cristãos-leigos<sup>1</sup> (*christifideles laici*), é se debruçar sobre “um” evento de Igreja que, com toda a certeza, foi “o” evento que mais avançou e mais valorizou a vocação e missão destes fiéis, de modo a considerar a identidade eclesial dos leigos em comunhão com toda a Igreja, e também

---

<sup>1</sup> Em todo o artigo, passaremos a denominá-los assim, cristãos-leigos.



num resgate à definição de Igreja Povo de Deus e no salvaguardar da dimensão de *communio*<sup>2</sup>, que faz transparecer na Igreja o mistério trinitário, o que enaltece a sua missão e aponta para o seu destino; aspectos muito bem desenvolvidos na eclesiologia conciliar.

O Concílio Vaticano II definiu toda a Igreja como missionária, mas para tanto, após apurado discernimento, avanço teológico e resgate de riquezas da tradição bíblica e patrística, muda e/ou amplia a concepção que esta tem de si mesma, buscando a sua origem no mistério divino (cap. I da *Lumen gentium*) e reafirmando a sua índole escatológica (cf. *LG* 48). A Igreja é um povo que peregrina (capítulo II da *Lumen gentium*), e esse peregrinar acontece na experiência do Cristo Pascal, que como ressuscitado-crucificado antecipa-nos a glória futura, mas que nos aponta o caminho de um Reino a ser trilhado e buscado dentro deste mundo, em cada realidade, onde se vive e se experimentam as dores, alegrias, angústias e esperanças. Aquilo que o mundo sente, diz o Concílio na *Gaudium et spes* (*GS* 1), a Igreja também sente, e é desta forma, que ela se faz missionária, na totalidade do mistério que a envolve e na totalidade humana que a confere como Povo de Deus, um povo peregrino. Assim, a Igreja se fará missionária não no enfrentamento, mas no diálogo; não na afirmação de uma autoreferencialidade passada, mas num *aggiornamento*, numa experiência nova que a coloque para frente.

É evidente que nesta dimensão do todo, de uma Igreja “*toda ela missionária*”, aspecto bem característico do Concílio, evidencia-se de maneira mais forte e com um tom totalmente novo aqueles e aquelas que são denominados *leigos*, os cristãos-leigos, e que agora, de modo mais expressivo e fundamentado, assumem um papel preponderante na missão de toda a Igreja. Este é o Laicato, que ganha com o Vaticano II uma nova interpretação de sua vocação e missão! Vale destacar que esta é uma visão que se renova, pois a tradição eclesial que chega até o Concílio arrasta para o termo *leigo* uma

<sup>2</sup> Cf. KASPER, W. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2012, pp. 256-257.

conotação amplamente negativa, construída social e culturalmente, mas também eclesiológicamente, já que antes a visão de leigo que se tinha era marcadamente passiva e submissa, sem autonomia e sem qualquer independência no seu modo de ser e fazer Igreja. Culturalmente, o leigo era visto como aquele que não sabe, que não compreende, que não é preparado para tal função. Eclesiológicamente, o leigo era visto de maneira passiva e submissa à hierarquia eclesiástica, sendo tratado, em muitas vezes, de modo inferior<sup>3</sup>. Esta definição se apoia na nova compreensão eclesiológica que se firma com o Concílio Vaticano II, que apresenta a Igreja como Povo de Deus, na qual *todos* os batizados têm parte importante e constitutiva na sua missão, garantidos por algo que é *comum* a todos e que vem de uma experiência fundante: o batismo – que une cada fiel a Cristo e o torna membro ativo do corpo eclesial. Pelo batismo *todos* são Igreja, o que garante aos leigos uma nova identidade e uma nova percepção da sua vocação e missão.

Conforme já afirmamos, a Igreja do Vaticano II se compreende como *communio*, reproduzindo em seu estado visível e histórico um reflexo da comunhão trinitária. Ninguém e/ou nenhuma vocação ocupam o centro da Igreja, pois apenas Cristo é o centro. Ele é o fundamento de onde a Igreja nasce e vive na força do seu Espírito, e assim caminha, de modo peregrino, rumo à consumação do plano do Pai (LG 48). Ao redor de Cristo e do mistério que o envolve circulam os diversos ministérios, enriquecidos com dons e carismas, fazendo-se tocar e definir pelo mesmo mistério, e que colaboram e cooperam entre si para a edificação do corpo e para o serviço desta Igreja no mundo: o anúncio, a vivência e a construção do Reino de Deus.

Desta forma e nesta nova concepção, os cristãos-leigos são compreendidos (e inseridos) na missão de toda a Igreja com uma especificidade que lhes é própria e que lhes permite atuar em questões internas da Igreja e/ou em questões externas, em todas as rea-

<sup>3</sup> Cf. KUZMA, C. Leigos. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, Paulinas, 2015, pp. 528-531.



lidades que se encontram, sem exclusivismos. Com o Concílio Vaticano II eles são os batizados incorporados a Cristo e, por essa razão, membros do Povo de Deus e assumem a sua vocação a partir do *múnus* sacerdotal, profético e régio (cf. *LG* 31a). Também pelo Concílio, os cristãos-leigos são aqueles e aquelas que estão no mundo – é o especial de sua vocação – e, por isso, atuam como fermento na massa, sementes da boa nova, transformando estruturas na ótica do Reino de Deus (cf. *LG* 31b).

Caminha-se para uma percepção de que não se trata de uma “colaboração”, pois todos fazem parte do corpo eclesial, mas de uma “cooperação”, a partir do que é específico de cada vocação, tendo como horizonte último o Reino de Deus, que é esperado, buscado e construído. Sobre isso, afirma Bruno Forte: “Todos são corresponsáveis, tanto no âmago da vida eclesial, quanto na relação com o mundo; empenhados em pôr os próprios dons a serviço, onde quer que o Espírito suscite a ação de cada um, em uma relação articulada e dinâmica entre os vários ministérios e carismas”<sup>4</sup>. Cabe a toda ela, portanto, na responsabilidade que lhe é conferida, despertar a sua vocação e missão, alimentando-a e fortalecendo-a em todo o seu agir, respeitando a sua autonomia e especificidade, promovendo sempre a comunhão.

654

medellín 166 / Septiembre - Diciembre (2016)

## 2. UM OLHAR PARA AS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS LATINO-AMERICANAS E CARIBENHAS

Abaixo, apresentamos apenas alguns aspectos que ressaltam a presença e atuação dos cristãos-leigos na Igreja da América Latina, sem qualquer pretensão de esgotar o todo<sup>5</sup>, mas sim, de trazer pistas para novas leituras eclesiológicas e possíveis ações pastorais.

<sup>4</sup> FORTE, B. *A Igreja: ícone da Trindade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 43.

<sup>5</sup> Nós já apresentamos um estudo a este respeito no Congresso Continental de Teologia, realizado em 2012, na UNISINOS, em São Leopoldo, RS, Brasil; evento promovido pela Amerindia. Também temos um estudo mais detalhado a este respeito em nosso livro: KUZMA, C. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009, pp. 72-88.

## 2.1. Os cristãos-leigos em Medellín

A Conferência de Medellín (1968), que em sua tarefa de recepcionar o Concílio Vaticano II no continente latino-americano, promoveu de maneira considerável as ações eclesiais promovidas pelos *Movimentos de Leigos*, fomentando ainda mais o caráter missionário destes movimentos para o benefício de toda a Igreja. A América Latina já estava marcada pela presença dos leigos na Ação Católica, de modo organizado, mas agora, abria-se espaço para algo novo, trazendo a estes fiéis a *autonomia* e uma *legitimação* no exercício de sua vocação na sociedade.

Esta Conferência se propôs a rever toda a dimensão apostólica da presença dos cristãos-leigos no atual processo de transformação do continente latino-americano. Tudo isso, levando em conta os objetivos contemplados pelo documento, relativos ao compromisso nos campos da Justiça e da Paz, da Família e Demografia, Juventude, etc. (cf. DM cap. 10, 1). O Documento de Medellín ressalta o comprometimento dentro do mundo secular e temporal, onde “comprometer-se é ratificar com ações a solidariedade em que todo homem se encontra imerso, assumindo tarefas de promoção humana na linha de um determinado projeto social” (DM n. 9). Afirma que, para isso, os cristãos-leigos gozam de *autonomia e responsabilidades próprias* para optar por seu compromisso temporal. Isto está sustentado na *Gaudium et spes* (GS 43) e na *Populorum progressio*, de 1967, que diz: “pertence aos leigos, pelas suas livres iniciativas e sem esperar passivamente ordens e diretrizes, imbuir de espírito cristão a mentalidade e os costumes, as leis e as estruturas da sua comunidade de vida”<sup>6</sup>. Assim, por mediação da fé, os cristãos-leigos se encontrarão diante de uma esperança escatológica com o objetivo de levar todo o mundo à consumação plena, de modo que este seja iluminado e transfigurado no dia do senhor (cf. DM n. 10).

O Documento de Medellín também apresenta algumas recomendações pastorais para a promoção de equipes apostólicas e movimentos seculares em lugares e estruturas funcionais, onde

<sup>6</sup> PAULO VI. *Populorum progressio*. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.



se elabora e se decide o processo de libertação e humanização da sociedade (cf. DM n. 13). Afirma que os cristãos-leigos devem se envolver em atividades nacionais e internacionais para promover o progresso dos mais pobres (cf. DM n. 15), aspectos bem presentes no Decreto *Apostolicam actuositatem* do Concílio Vaticano II. Além disso, devem fomentar uma espiritualidade própria, baseada na sua experiência de compromisso com o mundo, seguindo o exemplo de Cristo, que também viveu sua experiência em atividades temporais (cf. DM n. 17). O Documento ainda menciona a criação de Conselhos Eclesiais (DM n. 19-20), um fato já presente em muitas localidades, mas ainda ausente ou sem tanta representatividade e força legítima em outras. Um desafio ainda atual.

## 2.2. Os cristãos-leigos no Documento de Puebla

A conferência de Puebla (1979) procurou resgatar os avanços trazidos pelo Concílio Vaticano II e por Medellín e, além disso, contribuir um pouco mais em alguns pontos. Na ocasião, outros desafios contextuais apareciam e já se aventurava em alguns frutos da então nascente Teologia da Libertação (com menos de 10 anos!), como resposta eclesial/pastoral para a Igreja do continente. Na sua reflexão sobre o laicato esta Conferência teve como base a participação dos cristãos-leigos na vida da Igreja e na missão desta no mundo. Ou seja, sua missão está conjuntamente formada na missão da Igreja. Dito desta forma, de nada muda e parece repetir a fórmula conciliar, mas a novidade está em observar isso diante de todo o documento, de maneira a confrontar a Igreja e a realidade do continente. É por onde o Documento de Puebla apresenta uma Igreja comprometida com a promoção da justiça em nossos povos (cf. DP n. 777). O objetivo de incluir todos dentro de um mesmo processo se deu pelo fato de alguns movimentos de leigos perderem o ponto de vista eclesial e agirem no mundo secular diferente da fé que dizem professar. Nas palavras de Puebla: “É um divórcio entre fé e vida exacerbado pelo secularismo e por um sistema que antepõe o ter mais ao ser mais”. (cf. DP n. 783). O mesmo efeito ocorre do lado contrário, quando alguns movimentos eclesiais perdem a dimensão social. A causa, às vezes, ocorre pela “persistência de



certa mentalidade clerical em numerosos agentes pastorais, clérigos e até mesmo leigos” (cf. DP n. 784).

Por esta razão, Puebla no n. 786 de seu documento reflete a condição do cristão-leigo na Igreja e no mundo a partir de aspectos doutrinários: 1) Os sacramentos do Batismo e da Confirmação os incorporam a Cristo e os tornam membros da Igreja; 2) Participam, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo e exercem-na na condição que lhes é própria; 3) A fidelidade e coerência com as riquezas e as exigências de seu ser lhes conferem a identidade de homens e mulheres de Igreja no coração do mundo e de homens e mulheres do mundo no coração da Igreja (uma frase que marcou o tom pastoral e que depois foi repetida e usada em outros documentos e ocasiões, Aparecida é um exemplo).

A Conferência diz que a sua vocação encontra-se no mundo e, é onde devem agir instigados a participar de uma multiplicidade de apostolados, agindo, de maneira especial na atividade política (cf. DP n. 507-562). Talvez, este tenha sido um ganho maior desta Conferência, pelo menos essa interação aconteceu em alguns países e localidades, sobretudo na formação de novos partidos políticos e lideranças alinhadas com o pensamento social da Igreja. Sobre isso, o Documento diz que os cristãos-leigos promovem a justiça e a igualdade “sempre iluminados pela fé e guiados pelo Evangelho e pela doutrina social da Igreja, mas orientados ao mesmo tempo pela inteligência e aptidão para uma ação eficaz” (DP n. 793). Outro aspecto destacado pelo documento diz respeito a uma espiritualidade mais apropriada à sua condição, como também fez Medellín (cf. DP n. 797-799).

O Documento também chama a atenção para a importância de um *laicato organizado*. Esta organização é sinal de comunhão e participação (n. 801), capaz de trazer vitalidade missionária para toda a Igreja (n. 806). Conclui, fazendo um apelo urgente a todos os cristãos-leigos para que se comprometam na ação evangelizadora da Igreja (n. 827), exortando uma presença organizada do laicato nos diversos setores pastorais (n. 828). O documento termina com um destaque a importância da mulher na missão da Igreja, refletindo sobre a sua igualdade e dignidade (n. 834-849).



### 2.3. Os cristãos-leigos em Santo Domingo

A Conferência de Santo Domingo (1992) também tratou de refletir sobre os cristãos-leigos na Igreja e no mundo. Chama a atenção para o *protagonismo* destes na missão evangelizadora da Igreja. “Eles são chamados por Cristo como Igreja, agentes e destinatários da Boa-Nova da salvação, a exercer no mundo, vinha de Deus, uma tarefa evangelizadora indispensável” (SD n. 94). O Documento afirma que foi para eles também as palavras do Senhor: “Ide também vós para a minha vinha” (Mt 20,3-4) e, ainda, “Ide por todo o mundo” (Mc 16,15) (cf. SD n. 94).

O Documento alerta que, mesmo que ainda haja no interior de nossas igrejas grande participação dos leigos, muitos deles ainda não sentem o sentimento de pertença à Igreja. Eis aí um grande problema: “Sentem-se católicos, mas não Igreja” (cf. SD n. 96). Eis uma acusação que mereceria maior reflexão, pois em tempos atuais, em tempos de fechamento e clericalismos, esta postura parece crescer, tendo várias causas e diversos desdobramentos, que a nosso ver, impedem a verdadeira vocação! Para tanto, no artigo 97 surgem alguns desafios urgentes para os cristãos-leigos: 1) Que todos sejam protagonistas da nova evangelização, da promoção humana e da cultura cristã; 2) Que os batizados não evangelizados sejam os principais destinatários da nova evangelização. Para responder a isso, o Documento de Santo Domingo aponta algumas linhas pastorais, como o fortalecimento da Igreja-comunhão, que leve à corresponsabilidade na ação da Igreja. Apenas reforçamos aqui que a ideia de Igreja-comunhão gerou e ainda gera debate. É inegável que a dimensão de comunhão – de *communio* – constitui a Igreja. É fundamento. O que se questiona, porém, são as interpretações decorrentes desta definição, quando passam a não espelhar o ícone trinitário e passam a reforçar certa estrutura eclesial, que nega a autonomia dos fiéis (não apenas aos leigos!), na qual se confundem comunhão com obediência, subordinação, coisas assim<sup>7</sup>. É evi-

<sup>7</sup> Sobre este assunto, as referências são várias. Apontamos aqui a referência de José Comblin, que já na introdução do seu livro, traz um pouco o histórico deste debate e desta situação. Alertamos aqui que não se quer nem se pode alterar a dimensão de comunhão,

dente que na Igreja haverá sempre responsabilidades diferentes, contudo, uma mesma dignidade (cf. LG 32); e esta vem de Cristo.

Por fim, os cristãos-leigos devem assumir uma *linha pastoral prioritária*, devem ser protagonistas (cf. SD n 103).

## 2.4. Os cristãos-leigos em Aparecida

O Documento de Aparecida fala sobre o “ser” e o “fazer” dos cristãos-leigos na Igreja (cf. DAp n 213). Cristãos-leigos que pelo batismo e confirmação são discípulos e missionários de Cristo, e isso ao mesmo tempo, pois todo o discipulado leva à missionariedade e toda a missionariedade leva ao discipulado, logo: discípulos missionários. Este “ser” e “fazer” que se destacam no texto evidenciam o caráter particular e especial que caracterizam a sua missão. O seu *ser* e *fazer* são únicos e irrepetíveis, como já havia afirmado o Concílio, no Decreto *Apostolicam actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos (cf. AA 1). Caracteriza-se, também pela sua influência no meio social e, principalmente na política, local onde podem modificar estruturas injustas que se transformam em estruturas de pecado para toda a sociedade (cf. DAp n. 505). Em Aparecida, os cristãos-leigos são chamados de “*Luz do Mundo*” (cf. DAp. n. 209-215). Fomenta-se que devem participar nesta missão primeiramente com testemunho concreto de fé e vida, o que exige *coerência* e *autenticidade* (cf DAp n. 210); depois este testemunho desenheará em ações efetivas na evangelização, na liturgia e em atividades locais de sua comunidade (cf. DAp n. 211). Orienta-se para uma devida formação teológica para que possam agir na perspectiva do diálogo e da possível transformação da sociedade, através de ações sociais e políticas organizadas (cf. DAp n. 283).

---

de *communio* da Igreja, ela é intrínseca a ela. Contudo, não se pode nem se deve esquecer a dimensão de Povo de Deus, que resgata o histórico da Igreja, reforça a sua condição peregrina e é neste povo, com todas a sua diversidade que a causa divina faz transparecer a sua unidade (cf. Ef 4,1-6). Ver: COMBLIN, J. *O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002. Bruno Forte também faz uma boa sistematização entre Igreja-Comunhão e Igreja-Povo de Deus. Ver: FORTE, B. *A Igreja: ícone da Trindade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.



O Documento de Aparecida apresenta os cristãos-leigos como *verdadeiros sujeitos eclesiais* (n. 496a), um ponto importante e marcante desta Conferência, que recentemente foi tema de discussão nas Assembleias da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB), de 2014 a 2016. O Documento de Aparecida os aponta como missionários dentro dos novos areópagos da vida pública, afirmando a sua presença ética coerente, semeando em diversos ambientes os valores evangélicos (cf. DAp n. 491), algo em consonância com os documentos anteriores e com o Concílio. Possuem a tarefa peculiar em decisões importantes da sociedade e que podem trazer benefícios para todos: empresários, políticos e formadores de opinião no mundo do trabalho, dirigentes sindicais, cooperativos e comunitários (cf. DAp n. 492). Outros campos de sua responsabilidade são o turismo, os esportes, as artes (cf. DAp n. 493), os meios de comunicação (cf. DAp n. 497b), mas principalmente os meios universitários, local de diálogo entre a fé e a ciência (cf. DAp n. 494-496; 498).

Outro ponto significativo é com relação a sua participação na formação de novos agentes de pastoral e de comunidades, pela qual sua presença e participação pode trazer uma riqueza original. Eis um ponto em que a visão teológica latino-americana contribuiu muito e trouxe inúmeros resultados<sup>8</sup>. Diz o documento: “através de suas experiências e competências, eles oferecem critérios, conteúdos e testemunhos valiosos para aqueles que estão se formando” (DAp n. 281). Para isso, devem ser respeitados os seus carismas e sua originalidade (cf. DAp n. 313), e por que não reforçar, hoje: sua autonomia e competência, num jeito próprio de fazer!

Fala-se também, como nas Conferências anteriores, de uma espiritualidade própria, condizente com a sua realidade e seu contexto. Pede para que as diversas comunidades eclesiais, muitas delas dirigidas e animadas por leigos tenham uma permanente conversão pastoral (cf. DAp n. 366), devendo estar sempre em torno do

<sup>8</sup> São muitos, mas quero trazer aqui um exemplo que fala da mulher, a mulher que faz teologia e que se torna agente de formação e de missão. Ver: GEBARA, I.; BINGEMER, M. C. L. *A mulher faz teologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

bispo; que na verdade garante a ideia eclesial do Concílio, que se faz valer na Igreja local, que é Igreja na sua totalidade.

Na questão organizacional, sua participação deve subir degraus mais altos dentro da Igreja, participando, em nível pastoral, do discernimento, da tomada de decisões, do planejamento e da execução dos projetos (cf. DAp n. 371). Desafio!

### **3. OS CRISTÃOS-LEIGOS E O NOVO MOMENTO ECLESIAL COM O PAPA FRANCISCO: UMA IGREJA CHAMADA “A SAIR”; UMA IGREJA “EM MISERICÓRDIA”, UMA IGREJA “DOS POBRES” – E NELA, QUAL É O CHAMADO DOS LEIGOS?**

Começamos esta parte com uma expressão do Papa Francisco: “Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!”<sup>9</sup>, exclamou o Papa aos jornalistas, logo em seu primeiro encontro com os representantes dos meios de comunicação social (16/03/2013), ao explicar a eles o porquê da escolha do nome Francisco, em referência ao Santo de Assis. Leonardo Boff disse logo após a eleição e muitos outros concordam com ele: Francisco não é um nome, mas um projeto de Igreja!<sup>10</sup>. Seguramente, esta expressão de uma Igreja pobre diz muito sobre o atual momento eclesial e diz muito para se perceber e buscar compreender o itinerário proposto por Francisco, que requer despojamento e novas atitudes; de fato, um projeto. Isso também tem implicações aos leigos, pois também esses (e me incluo, nós!) são chamados a ter “cheiro de ovelha”, pois sempre há a tentação de escapar do redil e de encostar-se a algo que se apresenta mais seguro, às vezes até por comodismo. Mas não, é necessário sentir com a comunidade, fazer-se Igreja e com ela caminhar.

É certo que estamos diante de um novo tempo eclesial, um tempo favorável, há muito aguardado, agora contemplado e sentido.

<sup>9</sup> FRANCISCO, SS. Encontro com os representantes dos meios de comunicação social. Em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130316\\_rappresentanti-media.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html)>. Acesso em 04/04/2016.

<sup>10</sup> Cf. BOFF, L. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.



Gostaríamos de seguir com este encantamento, pois aquilo que se projeta e se busca de uma Igreja com os pobres, como a casa dos pobres e com tudo aquilo que a nossa teologia e a Igreja da América Latina sempre optaram ganha um novo tom com o Papa Francisco, que vem do “fim do mundo”, como ele mesmo diz; mas que diríamos aqui, interpretando-o, de um *fim-escatológico*, que nos antecipa um novo tempo e nos faz começar novamente. Em suas palavras, na alegria, na alegria do Evangelho: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. [...]. Com Jesus Cristo, a alegria renasce sem cessar” (EG 1). Segue, dizendo que pretende convidar a *todos* os fiéis cristãos a “uma nova etapa evangelizadora marcada por essa alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (EG 1). Uma alegria que nos anima na esperança do novo que vem e que já se faz sentir; mas, também, aponta para uma condição, o caminho da misericórdia, aspecto bem descrito na Bula *Misericordiae Vultus* (MV): “A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia” (MV 10).

Acreditamos que a Exortação *Evagelii Gaudium* (2013) marcou um novo passo na história da Igreja, ela apresentou um olhar pastoral e um olhar que se põe para frente. Mesmo sabendo que ela incomoda a alguns [!], dizemos que ela encanta a muitos [!]; há o desafio de buscar a unidade, na qual também os leigos, como cristãos conscientes, como *christifideles*, são chamados a um papel de responsabilidade. É o desafio de fazer com que a pessoa seja mais importante que a lei, algo bem próximo ao Evangelho, pois vai de encontro com a chamada de Jesus e está no conteúdo de seus discursos, parábolas e atitudes. É o que nos chama o serviço. Devemos ouvir aquilo que o Espírito Santo diz à Igreja neste tempo e ousamos dizer aqui, em breves palavras, que ele está soprando de maneira profética, e que este sopro trará transformações.

A tradição cristã nos ensina que a comunidade toda guiada pela ação do Espírito não pode errar na fé (cf. LG 12), e sabemos que o povo (enquanto Igreja) está disposto a mudar e sentir este “ar

fresco”, prometido no Vaticano II, mas que parece chegar com força agora, após 50 anos, uma memória que o Papa faz questão de manter e de fortalecer (cf. *MV* 4)<sup>11</sup>. Por mais que saibamos que existem ventos contrários, arriscamos dizer (e outros já disseram também) que não será possível voltar atrás depois de Francisco, e com ele, a Igreja pretende caminhar para frente<sup>12</sup>. Percebemos que o povo (povo de Deus e Igreja) redescobriu a Igreja, e a Igreja (instituição) redescobriu o povo. E este é um grande sinal! No entanto, faz-se necessário dar um passo a mais para que este efeito kairológico perpassasse por toda a dimensão eclesial e traga um novo ânimo às nossas vocações (todas!). Hoje, muito se fala sobre o Papa Francisco, suas palavras, frases, atitudes e discursos, contudo, e aqui fazemos a nossa provocação, *será que não está na hora de citarmos menos o Papa Francisco para passarmos a assumir com mais força, ousadia e coragem a proposta de Igreja que ele nos traz?... Na Evangelii Gaudium o Papa pediu ousadia, pediu saída, mas onde está a nossa ousadia? E a nossa saída? E a nossa misericórdia?... Ao se referir aos leigos, também acusou a passividade destes (EG 102), por vezes sem culpa, é verdade, mas em muitos casos sim, com culpa. Então, como despertar a vocação laical diante deste novo tempo, sem que ela seja meramente ilustrativa, mas que seja *performativa*, isto é, que coloque a vocação e missão dos leigos numa performance correspondente, em algo ativo e concreto. Se não nos detivermos aos questionamentos acima, será que não corremos o risco de cair numa “*papo(a)latria*”, esquecendo daquilo que é mais importante, que é a missão do Reino, as opções inquietantes do Reino e Jesus Cristo, de onde vem a Igreja, a nossa missão?... Acreditamos que a proposta do Papa Francisco é justamente o contrário e uma leitura*

<sup>11</sup> Cf. FRANCISCO, SS. Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos. Em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151017\\_50-anniversario-sinodo.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html)>. Acesso em 04/04/2016.

<sup>12</sup> Sobre este ponto, indicamos a entrevista com Arcebispo argentino Víctor Manuel Fernández, Reitor da Pontifícia Universidade Católica Argentina. Nela ele fala que Francisco desestabiliza a todos, inclusive os que pensam como ele, ele surpreende. Diz também que é impossível um voltar atrás depois de Francisco: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/542260-este-papa-desestabiliza-a-todos-entrevista-com-victor-manuel-fernandez>>. Acesso em 04/04/2016.



atenta da *Evangelii Gaudium* e um acompanhamento de seus inúmeros discursos e gestos, alguns deles bem pontuais, podem nos mostrar esta nova realidade que em si mesma é desafiante: a Igreja precisa de uma reforma inadiável (EG n. 27) e esta reforma deve nos levar ao Evangelho, e ele é incômodo, mas verdadeiro. E, para esta reforma, todos têm um papel, ninguém pode ficar inativo, não podendo cair em velhas ou novas “tentações eclesiais” (EG 76-109).

Na verdade, o tempo de hoje nos desafia a algo novo, a novas iniciativas e a ousadias da própria fé cristã<sup>13</sup>. Vale lembrar que Jesus de Nazaré foi alguém que rompeu com as estruturas que aprisionavam as pessoas e abriu para elas uma nova perspectiva<sup>14</sup>, onde todas tinham espaço e acolhimento. Trazemos aqui uma citação da *Evangelii Gaudium*: “Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-Lo, e surpreendemos com a sua constante criatividade divina” (EG 11).

Sobre o nosso papel na Igreja, outro texto da Exortação:

“Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e da promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo. Basta percorrer as Escrituras, para descobrir como o Pai bom quer ouvir o clamor dos pobres: [...] E Ele mostra-Se solícito com as suas necessidades...” (EG 187).

Pensamos que é desta forma que se pode ver a dimensão da misericórdia que parece ser tão cara ao Papa Francisco e, como bem acentuou o Cardeal Kasper, é o núcleo central do Evangelho<sup>15</sup>, logo, proposta de ação e chave de seguimento de todo cristão. O grande desafio para o cristão-leigo na Igreja de hoje é redescobrir o frescor

<sup>13</sup> Cf. KUZMA, C. Chiesa, speranza e giovani: spazi di audácia nelle riflessioni di un giovane teologo. *Concilium*, Brescia (Italia/EU), p. 79-93, 2015/2.

<sup>14</sup> Cf. CASTILLO, J. M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 15-35.

<sup>15</sup> Cf. KASPER, W. *A misericórdia*. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015.



da sua vocação a partir de uma experiência concreta com Jesus de Nazaré, o Deus feito carne, um Deus-humano que se compadeceu e fez da nossa história a sua história e da nossa vida a sua causa. Pelos textos do Concílio e pelos textos das Conferências que brevemente apontamos, os cristãos-leigos são chamados a exercer a verdade da sua fé no mundo, na sociedade, lá onde vivem e atuam e onde oferecem a todos as razões de sua esperança. Isso é ser Igreja no coração do mundo, não para enfrentá-lo, mas para oferecer auxílio, diálogo, esperança e misericórdia. O olhar atento a um Jesus encarnado, que passou por esta vida fazendo o bem, levará a plenitude desta vocação, já experimentada na ótica do batismo, podendo se fazer sempre nova, sempre presente e sempre encorajadora.

Que não tenhamos medo de mudar e que não tenhamos medo de sair. E que a saída seja sempre na esperança, e sempre na misericórdia, pois em Cristo fomos ungidos para evangelizar os pobres, libertar os presos, dar a vista aos cegos, por em liberdade os oprimidos e anunciar o tempo da graça do Senhor (cf. Lc 4,18-19). Que assim seja, e que assim se deixe fazer!

## **CONCLUSÃO**

O Concílio deu passos importantes. As Conferências Episcopais também. Hoje, somos chamados a novos desafios e a novas respostas. Temos um Pontificado que avança em vários pontos, que propõe diálogo e que quer fazer valer a Igreja do Concílio, e para isso traz muitos sinais. É aqui que a vocação e missão dos leigos, dos que chamamos aqui de cristãos-leigos, homens e mulheres de fé, deve se fazer importante e sensível a tudo o que ocorre. Faz-se necessário abrir-se e sentir os sinais dos tempos. Assim como na época do Concílio e em épocas das Conferências, existem aqueles que só veem trevas a nossa frente. No entanto, o olhar do cristão deve estar pautado na esperança, na vida, na alegria de um Evangelho que o coloca para frente, em um novo momento, num horizonte sempre novo, numa fonte viva que nunca se esgota. É importante, hoje, abrir-se ao Espírito que concebeu o Concílio e dispor-se aos novos desafios que o mesmo Espírito nos faz ver em nosso tempo, sempre de modo aberto, sensível e dialogal, na acolhida e na construção de um Reino que necessita de todos nós, pois todos



nós somos chamados à Vinha do Senhor! Todos somos Igreja! Que a força que vem do ressuscitado-crucificado nos oriente e nos faça viver desta esperança!

## REFERÊNCIAS

BOFF, L. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.

CASTILLO, J. M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín - 1968*. Texto oficial. Trinta anos depois, Medellín ainda é atual? 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

———. *Conclusões da Conferência de Santo Domingo*. Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

———. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões da Conferência de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979.

———. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2007.

COMBLIN, J. *O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.

Entrevista. <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/542260-este-papa-desestabiliza-a-todos-entrevista-com-victor-manuel-fernandez>>. Acesso em 04/04/2016.

FORTE, B. *A Igreja: ícone da Trindade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FRANCISCO, SS. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Loyola, 2013.

———. *Misericordiae Vultus*. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia.

Em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html)>. Acesso em 06/04/2016.

\_\_\_\_\_. Encontro com os representantes dos meios de comunicação social. Em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130316\\_rappresentanti-media.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html)>. Acesso em 04/04/2016.

\_\_\_\_\_. Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos. Em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151017\\_50-anniversario-sinodo.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html)>. Acesso em 04/04/2016.

GEBARA, I.; BINGEMER, M. C. L. *A mulher faz teologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

KASPER, W. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2012.

\_\_\_\_\_. *A misericórdia*. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

KUZMA, C. Leigos. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, Paulinas, 2015, pp. 528-531.

\_\_\_\_\_. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009.

\_\_\_\_\_. Chiesa, speranza e giovani: spazi di audácia nelle riflessioni di un giovane teologo. *Concilium*, Brescia (Italia/EU), p. 79-93, 2015/2.

PAULO VI. *Populorum progressio*. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.

Nota recibida: 18 de abril de 2016  
Nota aceptada: 23 de mayo de 2016